



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**EMANUEL CLÁUDIO FREIRE DA ROCHA**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O BULLYING: COMPREENDER PARA  
INTERVIR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CAMPINA GRANDE/PB  
2019**

**EMANUEL CLÁUDIO FREIRE DA ROCHA**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O BULLYING: COMPREENDER PARA  
INTERVIR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Educação Física.

**Área de concentração:** Sociocultural e Pedagógica

**Linha de Pesquisa:** Estudos Pedagógicos na Educação Física Escolar

**Orientador:** Prof. Me. Jeímison de Araújo Macieira

**CAMPINA GRANDE/PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672p Rocha, Emanuel Claudio Freire da.  
A produção científica sobre o bullying [manuscrito] :  
compreender para intervir nas aulas de Educação Física /  
Emanuel Claudio Freire da Rocha. - 2019.

39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.

"Orientação : Prof. Me. Jeímison de Araújo Macieira ,  
Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Bullying. 2. Educação Física escolar. 3. Estratégias  
pedagógicas. I. Título

21. ed. CDD 372.86

EMANUEL CLÁUDIO FREIRE DE ROCHA

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O BULLYING: COMPREENDER PARA INTERVIR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, tipo monografia, apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

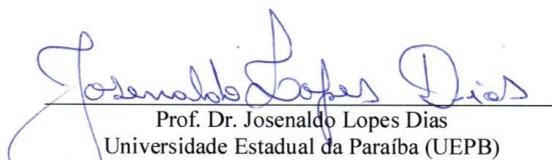
Área: Sociocultural e Pedagógica

Linha de Pesquisa: Estudos Pedagógicos na Educação Física Escolar

Aprovado em: 12/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Me. Jeimison de Araújo Macieira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Esp. Ivanildo Alcântara de Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente nas horas de angustia, ao meu pai, Manuel Freire da Rocha, minha mãe, Ana Maria Cláudio, que com muita luta, me possibilitaram estudar, a minha filha Lavínia Alexandra Diniz Freire, amor da minha vida e a minha esposa, Juliana Sales de Lima, que esteve ao meu lado, dia sim dia não, em toda trajetória do curso e todos os dias me apoiando e que agora nesse processo de finalização de curso, me presenteia com outro(a), filho(a) que se encontra à caminho em seu ventre para encher nossas vidas de mas luz e alegrias.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

Ao meu orientador, não foi meu professor no transcorrer do curso se tornou grande amigo, professor, mestre, que ainda não é doutor kkkkkkkkkk, Jeímison de Araújo Macieira, por me possibilitar um olhar diferenciado sobre a Educação Física, me proporcionando não apenas o conhecimento racional, científico, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Cabe ainda um agradecimento todo especial para Ana Cristina da Silva Silveira, nossa amiga (Cristina), funcionaria da Criarte, que fica na copa, nos fornecendo ótimos cafezinhos, e matando a fome de todos que rachamos o café da manhã de todas as manhãs esfomeadas.

Ainda tem um agradecimento mais que especial, à Juliana Sales de Lima, nossa segurança, minha linda esposa e a grávida mais linda do mundo, que dia sim dia não estava lá no departamento nos protegendo.

Ao maior presente que Deus me deu, que veio pra realmente modificar a minha vida, enchendo com muita luz a minha vida, minha filha Lavínia Alexandra Diniz Freire, amor incondicional.

Aos meus pais por todo apoio incondicional.

E a todos que de maneira direta ou indireta fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

A mesma escola que nutre o bullying é o lócus onde se propaga o domínio da racionalidade técnica, com a respectiva produção de corpos dóceis e produtivos, ao invés da constituição de sujeitos políticos emancipados. Nesse sentido, a Educação Física curricular que se propõe neutra é inerte, reproduzindo -de forma acrítica- os mecanismos de controle, perante os quais o bullying se projeta como uma reticente e incômoda derivação (GONÇALES et al. 2014, p. 982).

A angústia de caminhar sozinho ainda mais no enfrentamento de um fenômeno tão complexo pode ser a causa que impeça o surgimento de ações inovadoras nas escolas e mais especificamente nas aulas de Educação Física, por parte dos professores (MARTINS et al. 2018, p. 37).

## RESUMO

O bullying nas aulas de Educação Física é uma problemática recorrente, como indica pesquisas recentes (MARTINS et al. 2018; MAYER et al. 2018), caracterizando como qualquer tipo de agressão que ocorra de maneira intencional e frequente (OLWEUS, 2013; FOREMAN, 2015). Nesse meio, a presente pesquisa objetiva apresentar e problematizar algumas produções científicas sobre o bullying em periódicos relevantes da área de Educação Física, assim como busca refletir sobre a problemática entendendo a mesma como fenômeno complexo, apontando nesse percurso discussões para a Escola e, por fim, para a Educação Física Escolar. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, com abordagem descritiva, qualitativa e explicativa, foram selecionados cinco periódicos especializados na área, contando como critério de escolha a representatividade social do sistema Qualis/CAPES, nesse sentido, foi escolhido cinco revistas com classificação no estrato Qualis igual/acima de B2. Portanto, foram escolhidos os seguintes periódicos da área: Movimento, Motriz, Pensar a Prática, Motrivivência e Motricidade, também foi delimitado o período de publicação entre 2014 e 2019, a análise dos artigos, por sua vez, foi conduzida pela perspectiva de análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Como resultado e considerações finais, foi possível notar que a maioria das publicações têm em comum a questão que as práticas de bullying direcionam ao diferente, ou seja, aquilo que foge de um padrão que foi historicamente construído e socialmente reproduzido, nesse meio outro dado aponta para a relação multifacetada e complexa da problemática, implicando em evitar generalizações, haja vista que a prática apresenta singularidades em cada espaço escolar. Nesse sentido, outro resultado é que as produções analisadas formam uma síntese qualitativa necessária ao professor de Educação Física e Escola, pois gera *insights* ao planejamento pedagógico para lidar com a problemática, valendo-se ressaltar que o bullying não só diz respeito à Educação Física Escolar, porém prejudica a toda conjuntura escolar, familiar e social. Outra questão, diz respeito as consequências dos avanços do mundo tecnológico; o cyberbullying como resultante desse processo e desdobramento das práticas de bullying, essa tendência merece atenção com urgência, visto que essa ação apresenta singularidades ainda maiores, como pode-se citar a relação de poder fluida de papéis (vítima/agressor/espectador) e seu alcance é inimaginável. Portanto, é imprescindível que professores, escolas e a esfera público-governamental criem e recriem estratégias que busquem superar práticas desumanas que afligem as escolas, alunos, professores e comunidade escolar. Conclui-se que a cultura corporal da Educação Física é mais um meio de sensibilizar os alunos para a diversidade trazida em seus corpos, entendendo que essa diversidade é uma bela forma de ser e estar no mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying. Diferenças. Educação Física Escolar. Possibilidade Pedagógicas.

## ABSTRACT

Bullying in Physical Education classes is a recurring problem, as recent research indicates (MARTINS et al. 2018; MAYER et al. 2018), characterizing as any type of aggression that occurs intentionally and frequently (OLWEUS, 2013; FOREMAN, 2015). In this context, the present research aims to present and discuss some scientific productions about bullying in relevant Physical Education journals, as well as to reflect on the problem understanding it as a complex phenomenon, pointing in this way discussions for the School and, finally, for School Physical Education. The research is characterized as a bibliographic review, with a descriptive, qualitative and explanatory approach, five journals specialized in the area were selected, as criterion to choose the social representation of the Qualis / CAPES system, in this sense, five journals were classified in the stratum. Qualis equal to / above B2. Therefore, the following journals in the area were chosen: Movement, Motive, Thinking Practice, Motivation and Motricity, the publication period was also delimited between 2014 and 2019, the analysis of the articles, in turn, was conducted by the perspective of analysis of content (BARDIN, 2009). As a result and final considerations, it was observed that most publications have in common the issue that bullying practices direct to different ones, ie, what escapes a pattern that was historically constructed and socially reproduced in this environment. data point to the multifaceted and complex relationship of the problem, implying to avoid generalizations, considering that the practice presents singularities in each school space. In this sense, another result is that the analyzed productions form a qualitative synthesis necessary for the Physical Education and School teacher, as it generates insights on pedagogical planning to deal with the problem, noting that bullying does not only refer to the Physical Education School, but it harms the whole school, the family and the social conjuncture. Another issue concerns the consequences of advances in the technological world; cyberbullying as a result of this process and the unfolding of bullying practices, this trend deserves urgent attention, as this action presents even greater singularities, as can be mentioned the fluid power relation of the roles (victim / aggressor / spectator) and its scope is unimaginable. Therefore, it is essential that teachers, schools, and the public-government sphere create and recreate strategies that seek to overcome inhumane practices that affect schools, students, teachers, and the school community. It is concluded that the body culture of Physical Education is another way of sensitizing students to the diversity brought in their bodies, understanding that this diversity is a beautiful way of being and being in the world.

**Keywords:** Bullying, Differences, School Physical Education, Pedagogical Possibilities.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 9  |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....   | 11 |
| 3. METODOLOGIA.....  | 14 |
| 4. RESULTADOS .....  | 16 |
| 4.1 SÍNTESE DAS PESQUISAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE.....   | 16 |
| 5. DISCUSSÕES .....  | 18 |
| 5.1 A OUTRA FACE DA ERA DIGITAL: O CYBERBULLYING.....  | 18 |
| 5.2 INTERSECÇÕES ENTRE O BULLYING E A VULNERABILIDADE .....  | 20 |
| 5.3 DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO FATORES ESTIMULADORES PARA A<br>PRÁTICA DE BULLYING .....               | 25 |
| 5.4 BULLYING E EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO E ESTRATÉGIAS<br>PEDAGÓGICAS PARA COIBIR TAL PROBLEMÁTICA..... | 29 |
| 5.5 MAPEANDO AS FORMAS E AGRESSÕES DAS PRÁTICAS DE BULLYING.....   | 32 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 34 |
| 7. REFERÊNCIAS .....   | 37 |

## 1. INTRODUÇÃO

Ao pensar Educação Física escolar é extremamente comum crianças e adolescentes praticando algum esporte ou atividades recreativas. Cenas como essas fazem parte do cotidiano escolar da maioria dos alunos da Educação Básica do nosso país e mundo a fora. A Educação Física, muitas vezes, se limita a uma prática de ensino tradicional, onde fazer o discente compreender a sociedade a sua volta a partir dos conteúdos da área ainda não é uma tônica, uma vez que é necessário compreender que a prática pela prática, sem a problematização, acaba impedindo que tanto os corpos quanto os movimentos sejam pensados em relação a diversidade cultural a qual os discentes estão inseridos (BETTI; GOMES-DA-SILVA, 2019; BARBOSA, 2014).

Assim como os movimentos, os corpos também são construídos culturalmente, por isso devem ser abordados nas aulas de Educação Física, não só no seu aspecto biológico e técnico, mas também e, sobretudo, no que diz respeito a entender a diferenças que esses corpos carregam, ou seja, buscando fazer os alunos pensarem como que os seus corpos foram produzidos a partir da cultura em que estão imersos (BARBOSA, 2014).

Não é nenhuma novidade que a escola em sua proposta pedagógica ainda não consegue, na maioria das vezes, compreender, respeitar e potencializar as diferenças culturais trazidas pelos seus alunos (SANTANA, 2018). O corpo desse alunado, ainda é visto segundo a perspectiva cartesiana que segrega o mesmo em partes antagônicas, entender esse corpo segundo esses padrões; conflui para uma prática de ensino retrógrada, inconsistente aos desafios postos pela contemporaneidade (BARBOSA, 2014). No âmbito da Educação Física isso pode implicar em uma prática de ensino que se volta para o desenvolvimento do conteúdo esporte de maneira excessiva, segundo os padrões de alto rendimento, onde ainda prega a segregação de gêneros para determinadas práticas corporais, sendo que tal desenvolvimento leva a aula a um teor de esportivização e, em consequência, torna-a seletiva, pois os menos habilidosos são excluídos (STIGGER E LOVISOLO, 2009).

Esse ambiente também pode criar e reforçar momentos de hostilidade ao diferente, tomando como eixo de comparação padrões que foram historicamente construídos pela sociedade. Uma dessas hostilidades pode se configurar como o bullying, objeto desse estudo, que se caracteriza como um comportamento violento e “cruel, intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2005, p. 29). Entendendo que a “violência consiste em ações humanas de indivíduos ou

grupos, classes, nações que afetam a integridade física, moral, mental ou espiritual, podendo ocasionar a morte” (MINAYO 1998; apud LECH; 2007 p. 44).

A justificativa dessa pesquisa repousa, em um primeiro plano, na necessidade de apresentar uma síntese qualitativa sobre a produção científica a respeito da temática bullying na área de Educação Física, rompendo com um silenciamento de uma prática desumana que tanto aflige a escola que, muitas vezes, causam problemáticas futuras inimagináveis.

Diante do exposto, a problemática dessa pesquisa repousa-se na seguinte questão: **quais são as discussões postas sobre a problemática do bullying em periódicos da área de Educação Física? Essas produções apresentam estratégias pedagógicas para lidar com essa problemática?**

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é apresentar e problematizar as produções científicas sobre o bullying em periódicos relevantes da área de Educação Física, assim como busca refletir sobre a problemática entendendo a mesma como fenômeno complexo, apontando nesse percurso discussões relevantes para a Escola e, por fim, para a Educação Física Escolar.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pesquisas científicas definem o bullying como um conjunto de ações agressivas praticados de maneira intencional e com frequência, sendo consequência de um desequilíbrio de poder vigente, também pontuam outros fatores que influenciam as agressões, como as relações familiares, contexto social, aspectos de desenvolvimento moral entre outros (OLWEUS, 2013; OLIVEIRA et al., 2015; FOREMAN, 2015; CARAVITA et al., 2012). Essas práticas são “[...] graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar” (FANTE, 2005, p. 44).

Portanto, as práticas do bullying se caracteriza como eminentemente intencional, ou seja, existem motivos que conduzem tais agressões; pesquisadores já alertam a gravidade da problemática que, muitas vezes, não ocupa eixo de discussão na escola, caminhando nessa direção De Oliveira e Votre (2006, p. 173) menciona que “essa questão é uma preocupação mundial; mesmo porque não há como prever nem como avaliar a gravidade das experiências de bullying, como autor ou como alvo, na vida de cada criança ou jovem”. O bullying tem uma especificidade, como bem pontua Almeida et al. (2007, p. 108):

os maus tratos se distinguem de outras formas de agressão por seu caráter repetitivo ou sistemático, pela intenção de causar danos ou prejudicar alguém; que é habitualmente percebido/a como mais fraco/a ou está em uma posição fragilizada e dificilmente pode se defender. A recorrência, a intencionalidade e a assimetria caracterizam as situações de agressão como abuso de poder, no entanto, também pode acrescentar-se que estes comportamentos e atitudes não são necessariamente provocados pelas vítimas (ALMEIDA et al. 2007, p. 108).

É necessário pontuar que o “mais fraco” ou o diferente, como coloca Almeida et al. (2007), essa fraqueza/diferença é expressa na dimensão corporal do aluno, motivando assim as práticas do bullying, essas proposições deslocam as discussões para o corpo na escola.

Nesse sentido, o corpo na escola, especificamente nas aulas de Educação Física tem sido, muitas vezes, compreendido e tratado na sua dimensão biológica e tecnicista, seja na prevenção e cuidado com a saúde física, ou no aperfeiçoamento dos movimentos através da prática esportiva. Raramente se ouve falar da multiplicidade de corpos e sem a necessidade de enquadrá-los em padrões preestabelecidos, ou seja, é preciso compreender esse corpo em uma dimensão mais ampla, entendendo que sua constituição está circunscrita na cultura. A referência que se alinha ao estudo é que os corpos estão submergidos na cultura, portanto,

Um corpo não é apenas um corpo, É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, víscera, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele atribuem (GOELLNER, 2003, p. 20)

É nessa perspectiva que esse estudo compreende o corpo, para tanto se faz necessário compreendermos que os mesmos não significam sozinhos, eles são produzidos a partir dos discursos que sobre eles incidem. “Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2007, p. 14). Sendo assim, os corpos são marcados pelas culturas em que estão inseridos.

Nesse sentido, as práticas de bullying afligem e atacam essa diversidade que emana do corpo, visto que o mesmo foge de padrões que foram historicamente construídos e socialmente reproduzidos. As questões de gênero e sexualidades não fogem de ser gatilhos para as práticas de bullying, entendendo o gênero como os papéis socialmente construídos para as formas de viver a masculinidade ou a feminilidade e as sexualidades como as formas que os sujeitos vivenciam seus prazeres e desejos sexuais.

É necessário salientar que de acordo com Louro (2000) a presente sociedade predispõe comportamentos sociais e padrões ditos adequados aos gêneros masculinos e femininos, esses pressupostos aprisionam os corpos a se comportar segundo tais preceitos, corroborando para homogeneizar corpos diversos, essa relação é ainda mais estreita e severa no âmbito escolar, como pontua a referida autora:

Observar os corpos de meninos e meninas; avaliá-los, medi-los, classifica-los. Dar-lhes, a seguir, uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais. Fazer tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados - cada qual ao seu destino. Um trabalho incessante, onde se reconhecem - ou se produzem - divisões e distinções. Um processo que, ao supor "marcas" corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças (LOURO, 2000, p. 61).

A autora enfatiza que esse corpo carrega marcas forjadas em instâncias socioculturais que constituem a identidade singular dos sujeitos, nesse sentido, carrega diferenças que, por fim, é a alvo das práticas do bullying. Portanto, os docentes deveriam traçar estratégias para mudanças de rotas no entendimento de corpo, como bem coloca a autora:

As tecnologias e as estratégias propostas falavam que as professoras e professores deveriam organizar situações-estímulo, prever condições facilitadoras da aprendizagem, promover o diálogo, favorecer a conscientização. Mas o corpo não era nomeado, ele parecia de fora, por fora. Na tradição dualista, que se mantém e se multiplica em inúmeras polaridades, natureza e cultura estão separadas; o corpo, localizado no âmbito da natureza, é negado na instância da cultura (LOURO, 2000, p. 61).

Entrando nas discussões sobre as Tecnologias, de acordo com Moran et al. (2013) não existe dúvidas de que elas no âmbito educacional permitem ampliar o entendimento sobre aula, espaço e tempo, buscando estabelecer novos diálogos entre o mundo físico e virtual. É necessário enxergar essas tecnologias como recurso que potencialize o ensino e aprendizagem dos alunos, entendendo que “não são os recursos que definem a aprendizagem, são as pessoas, o projeto pedagógico, as interações, a gestão. Mas não há dúvida de que o mundo digital afeta todos os setores, as formas de produzir, de vender, de comunicar-se e de aprender” (MORAN et al., 2013, p. 12).

Quando o referido autor tenciona que o mundo digital afeta várias dimensões das práticas sociais, isso também implica em compreender a outra face da moeda; suas consequências, uma que cabe mencionar nessa pesquisa é o desdobramento das práticas do bullying para o âmbito digital, chamado de cyberbullying, nessa tendência as relações de poder ocorrem de maneira fluida, visto que os papéis (vítima/agressor/espectador) estão em constante situações de alteridade, a implicação desse processo é que seu alcance é inimaginável.

Outro fator que se corrompe nessas práticas é o conceito de lúdico, visto que os sujeitos praticantes do cyberbullying excede os limites da brincadeira que assume uma consequência danosa a sociedade e ao indivíduo, isso sendo mediado pelo tempo livre que poderia ser direcionado ao lazer e outras práticas sociais (CAILLOIS, 1994).

### 3. METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa de revisão bibliográfica com abordagem descritiva, qualitativa e explicativa.

Já a abordagem descritiva de acordo com Gil (2008) se volta para a atuação compreensão e descrição de algum fenômeno ou problemática. A abordagem qualitativa, por sua vez, corroborando com Chizzotti (2001, p. 79) é a pesquisa que compreende que as relações sociais fazem “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. E, ademais, Trivinõs (1989, p.111) evidencia que sua grande importância se dá por “fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas”.

Para especificar ainda mais a metodologia deste trabalho, utilizaremos também a pesquisa explicativa como caminho, a qual:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos (GIL, 2008, p.28).

A busca das produções em Educação Física sobre a temática, centralizou-se em bases de dados eletrônicas de periódicos nacionais da área, sendo eles: Movimento (Qualis A2), Motriz (Qualis B1), Pensar a Prática (Qualis B2), Motrivivência (Qualis B2) e Motricidade (Qualis B2). Foi delimitado o período de publicação entre 2014 e 2019 pelo motivo de existir uma pesquisa de revisão bibliográfica similar com recorte de período de 2006 a 2014, porém, centraliza-se no objetivo de relacionar as práticas de bullying com a homofobia (DE SOUSA, 2018).

Como critério de escolha dos periódicos estabeleceu a representatividade social do sistema Qualis/CAPES, visto que existe uma confiabilidade e legitimidade pela comunidade acadêmica. Nesse sentido, foi escolhido cinco revistas com classificação no estrato Qualis igual/acima de B2.

A pesquisa e seleção dos artigos nos referidos periódicos foram a partir dos seguintes descritores: bullying, bullying nas aulas de Educação Física, Bullying e Educação Física. Portanto, cinco artigos foram selecionados para essa pesquisa, uma vez que se enquadraram nos critérios estabelecidos; duas revistas não apresentaram artigos tomando como base os preceitos colocados.

Nesse sentido, é necessário lembrar que esse estudo é eminentemente qualitativo, entendendo que as pesquisas qualitativas “se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais” (GOLDENBERG, 1999, p.17).

A análise dos artigos pautou-se pelo método de análise de conteúdo, fundamentado em Bardin (2009). Para Minayo (1992, p.74) “através da análise de conteúdo podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação”. Portanto, a análise estará mediada por três momentos, de acordo com Bardin (2009), sendo eles:

1º - a pré-análise, caracterizada pela leitura preliminar dos artigos selecionados, denominada de leitura flutuante. Nessa etapa, a leitura consistirá numa primeira apreciação dos textos da qual servirá para destaques de conteúdos posteriores, denominada de leitura compreensiva, identificando eixos centrais dos artigos

2º - a exploração do material, consistirá na análise propriamente dita a partir da definição do corpus de análise buscando os registros mais frequentes, divergências e convergências, recorrências e não recorrências de conteúdo relacionado ao objeto de estudo e identificando ainda as unidades de sentido das categorias posteriormente estabelecidas.

3º - o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, irá configurar-se pela descrição dos resultados e inferência, atingindo os objetivos propostos, articulados ao aporte teórico e a interpretação do pesquisador.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 SÍNTESE DAS PESQUISAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE

Para uma melhor organização e para a leitura dessa pesquisa ser mais frutífera foi necessário a organização de dois quadros de exposição, o primeiro volta-se para os autores, títulos e periódicos e, o segundo direciona-se para as metodologias e os objetivos de cada artigo selecionado, objetivando situar o leitor no contexto que gravita essa pesquisa, assim como para que os resultados e discussões possam ser bem mais explorados, pois o leitor terá uma visão ampliadas dos artigos que compõem a análise dessa pesquisa. Segue abaixo os quadros:

Quadro 1: Artigos Selecionados

| <b>AUTORES/ANO</b>                                      | <b>TÍTULO</b>  | <b>PERIODICOS</b>        |
|---|--|--------------------------|
| Gonçales; Pimentel e Pereira (2014)                     | ESCÁRNIO DE CORPOS, CYBERBULLYING E CORRUPÇÃO DO LÚDICO  | Revista Movimento        |
| Zequinão; Oliveira; Medeiros; Oliveira e Cardoso (2017) | VULNERABILIDADE E BULLYING ESCOLAR: INTERFACES TEÓRICAS POSSÍVEIS                                  | Revista Pensar a Prática |
| Mattos e Jaeger (2015)                                  | BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NA ESCOLA   | Revista Movimento        |
| Martins; Silva; Coelho; Becker e Oliveira (2018)        | IDENTIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS UTILIZADAS POR PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA COIBIR O BULLYING  | Revista Motricidade      |
| Mayer; Borniatti; Elesbão e Borfe (2018)                | CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING ENTRE ESCOLARES: UMA PESQUISA REALIZADA NO MUNICÍPIO DE ANTA GORDA - RS | Revista Motricidade      |

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Quadro 2: Objetivos e Metodologias dos Artigos Seleccionados

| AUTORES/ANO  | OBJETIVOS  | METODOLOGIA                         |
|--|--|-------------------------------------|
| Gonçales; Pimentel e Pereira (2014)                    | Entre as diversas mídias nas quais se visualiza o cyberbullying, foram escolhidas comunidades do site de relacionamento Orkut. O objetivo foi analisar os modos pelos quais os membros dessas comunidades praticam bullying por meio do lazer virtual. | pesquisa documental e exploratória  |
| Zequinão; Oliveira; Medeiros;Oliveira e Cardoso (2017) | Apresentar os significados conceituais de bullying e vulnerabilidade, bem como conhecer as conexões teóricas possíveis entre os conceitos e suas relações com as práticas corporais proporcionadas nas aulas de Educação Física.                       | Pesquisa bibliográfica              |
| Mattos e Jaeger (2015)                                 | Analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre meninos e meninas no ensino fundamental em uma escola pública   | Pesquisa qualitativa e quantitativa |
| Martins;Silva; Coelho;Becker e Oliveira (2018)         | Investigar a percepção dos professores de Educação Física sobre a ocorrência de bullying nas escolas que atuam e elencar as ações utilizadas para prevenir o problema.   | Pesquisa exploratória e descritiva  |
| Mayer;Borniatti; Elesbão e Borfe (2018)                | Verificar o perfil dos alunos do 6º ao 9º ano de duas escolas da rede pública e privada no município de Anta Gorda- RS que são alvos do bullying, bem como identificar as formas e locais onde ocorrem as agressões.                                   | Pesquisa exploratória e descritiva  |

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

## 5. DISCUSSÕES

### 5.1 A OUTRA FACE DA ERA DIGITAL: O CYBERBULLYING

No artigo intitulado de “Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico”, toma como *locus* de pesquisa a rede social Orkut, teve como foco “analisar os modos pelos quais os membros dessas comunidades praticam bullying por meio do lazer virtual” (GONÇALES et al. 2014, p. 968).

Como resultados, os autores pontuam que, inicialmente, o cyberbullying em sites de relacionamentos é uma tônica crescente na contemporaneidade, sendo que essas atividades, eminentemente pejorativas, atingem uma dimensão inimaginável. Dando prosseguimento, os autores selecionaram comunidades do Orkut como *locus* da pesquisa; a problemática aumenta como menciona os autores, porque muitas dessas comunidades é de caráter público, ou seja, não existe um administrador para regularizar as postagens da comunidade.

Em uma análise sobre uma dessa comunidade, os autores chegam a conclusão que o fórum analisado buscava ofender os participantes a partir do perfil dos membros, sendo alunos ensino médio os participantes da comunidade.

Os autores apresentam um perfil de um dos membros da comunidade e os comentários pejorativos a respeito do seu perfil, o contraditório é que essa aluna/vítima no ambiente escolar é considerada agressora, nesse meio fica claro a perpetuação de uma cadeia a qual a prática do bullying está relacionada. Sobre as ofensas a respeito vítima/agressora, Gonçalves et al. (2014, p. 973) apresentam os seguintes dados coletados:

ela realmente tem kara de rã,sua testa é de ferro, faz lembra a testa de um trem,além de ser despeita por perde os gts p/ nós,rsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrsrs..... (Comentário F1Taa).

gata porque tanto despeito, afinal nao temos culpa de vc ter nascido esse monstro que saiu direto da casa do espanto.. rrsrsrso tenho a lamentar por vc pois no seu caso nem plastica da jeito.. quer um conselho se mata... fuiiii (Comentário F1Tab).

É necessário salientar que existem outros comentários dessa magnitude, exposto pelos autores, e como pode-se notar, o fio condutor das ofensas repousa no corpo do sujeito, havendo uma desqualificação acentuada as singularidades corporais dos indivíduos, essa problemática poderia ser mais discutida pelos autores, pois os mesmos apresentam que “a violência é justificada pelas características do agredido para, posteriormente, ser diluída como uma brincadeira. Em outros termos, os participantes sublimam a violência ao brincar de ofender” (GONÇALES et al. 2014, p. 976). Nesse sentido, quando os pesquisadores

mencionam que a violência se destina as características individuais, perde-se o momento de enfatizar que essas características repousam sobre o corpo do sujeito.

Outra discussão relevante dessa pesquisa é o fato de que os ambientes virtuais, na contemporaneidade, se configuram como espaço de lazer, o eixo da discussão posta pelos autores gravita na questão que os agressores estão valendo-se do seu momento de lazer para praticar o cyberbullying. Esse dado instiga a reflexão que em uma sociedade cada vez mais virtual, isso torna-se uma problemática cada vez mais complexa, porque na mesma forma que as novas tecnologias na educação podem ampliar situações de ensino-aprendizagem, nesse estudo analisa-se a outra faceta dessa evolução tecnológica.

Além disso, o lazer nessas ações torna-se algo pernicioso, acaba por corroer o sentido e significado do lazer, pois o cyberbullying é alimentado por “práticas se baseiam no compromisso violento contra o próximo e podem tanto se dissipar quanto alimentar o comportamento destrutivo no lazer” (GONÇALES et al. 2014, p. 978).

Sobre o papel da escola e, até mesmo da Educação Física, os autores mencionam questões imprescindíveis sobre a discussão do bullying, dizendo que:

A mesma escola que nutre o bullying é o lócus onde se propaga o domínio da racionalidade técnica, com a respectiva produção de corpos dóceis e produtivos, ao invés da constituição de sujeitos políticos emancipados. Nesse sentido, a Educação Física curricular que se propõe neutra é inerte, reproduzindo -de forma acrítica- os mecanismos de controle, perante os quais o bullying se projeta como uma reticente e incômoda derivação (GONÇALES et al. 2014, p. 982)

Os autores são incisivos ao elucidar que tanto a escola como a Educação Física devem ser repensadas, a escola deve enxergar o corpo dos alunos como lócus da interdisciplinaridade, na procura de assumir compromisso político de formar sujeitos emancipados e, a Educação Física, por sua vez, deve ser orientada por uma abordagem pedagógica de natureza crítica, estando alinhada a combater a opressão, alienação e exploração do homem pelo homem, compreendo a inexistência de qualquer tipo de neutralidade em sua prática pedagógica, pois Barbosa (2014, p. 55) sintetiza esse pensamento, mencionado que

Existe uma Educação Física Escolar que não seja política? [...], conscientemente ou não, somos todos seres políticos, enquanto seres sociais que tecem relações de poder. Não existe um modelo de educação ou Educação Física marcado pela neutralidade. Se o professor não faz sua opção filosófica-política, tomando as rédeas dos processos políticos da escola, quem o fará? (BARBOSA, 2014, p. 55).

Retomando a pesquisa, os autores concluem expondo que as características dos indivíduos são o fio condutor para as práticas de bullying/cyberbullying, apesar que as agressões logo progridem para a difamação da vítima. Nesse contexto, o cyberbullying apresenta-se como características diferenciadas, onde o aluno agressor usa do seu tempo de lazer para manifestar sua agressividade, essa ação apresenta uma maior fluidez do indivíduo ser vítima, agressor ou testemunha ou ser vítima/agressor. Portanto, as relações de poder nessa prática assumem caráter difuso. Ainda apresentam que as consequências do bullying e/ou pelo cyberbullying é de grande complexidade, nesse sentido os autores prezam pela não generalização da temática, visto que existe singularidades dos casos.

Os autores também retornam os argumentos do papel da escola e da Educação Física nesse processo, forjando um trabalho contínuo sobre a problemática, ao enxergar as potencialidades do corpo docente das escolas. Os autores, ainda mencionam a necessidade de ampliação do corpo de análise para outras redes sociais, objetivando identificar as características das ações, sobre a dimensão teórica da pesquisa os autores declaram que

cabe situar que fugiu ao escopo da análise a reflexão sobre as violências produzidas na sociedade e na escola e como elas afetam a objetivação do bullying como atividade no tempo livre. Nessa linha, também é importante aumentar a reflexão sobre o bullying e a Educação Física como coadjuvantes de uma subjugação maior, travestida não só como controle, mas também como sedução. Outro ponto merecedor de debates é o papel das diferentes disciplinas curriculares, na escola, quanto ao imperioso movimento de democratização do acesso a computadores e internet. Esse debate, entretanto, ainda está muito focado nos procedimentos técnicos, carecendo de abordar as dimensões políticas e éticas – o que reverberaria nas práticas de cyberbullying (GONÇALES et al. 2014, p. 985).

Essas sugestões de debates carecem de pesquisa de cunho científico, podendo render profícuas reflexões e, em contrapartida, ações pedagógicas mais eficazes e efetiva para coibir práticas de bullying/ cyberbullying.

## **5.2 INTERSECÇÕES ENTRE O BULLYING E A VULNERABILIDADE**

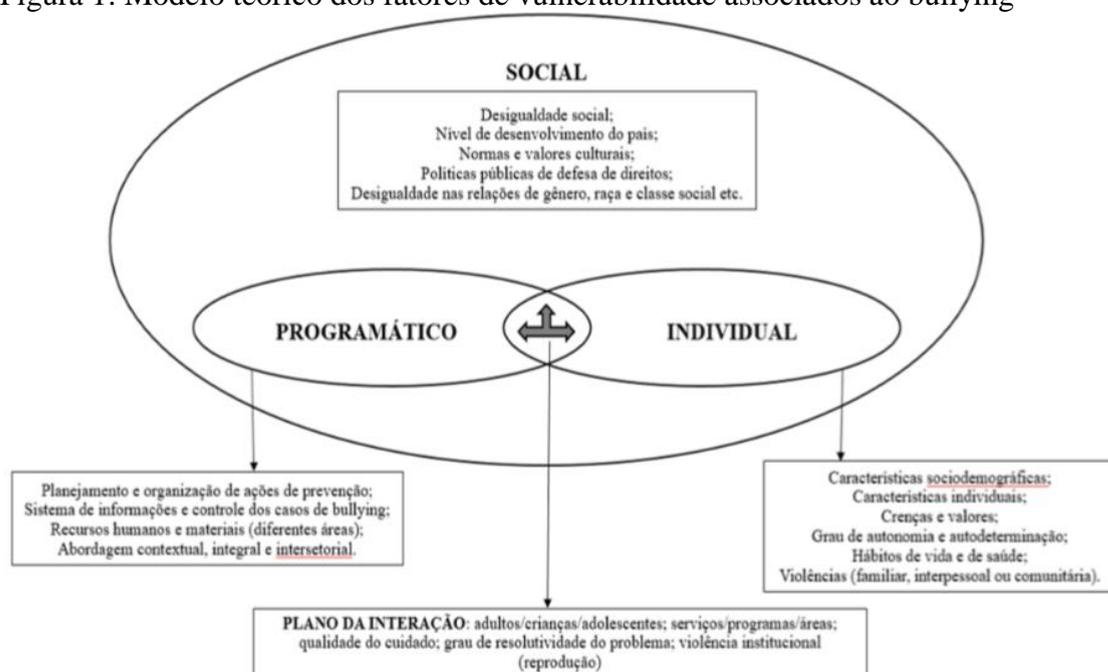
O ensaio denominado de “Vulnerabilidade e bullying escolar: interfaces teóricas possíveis”, buscou “apresentar os significados conceituais de bullying e vulnerabilidade, bem como conhecer as conexões teóricas possíveis entre os conceitos e suas relações com as práticas corporais proporcionadas nas aulas de Educação Física” (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 614). Nesse contexto, mais uma vez, os autores alegam que as características individuais das vítimas, ou seja, o corpo, também são tomados como motivo para as agressões, sejam:

deficiência física e mental, diferentes orientações sexuais e de gênero, defeitos congênitos ou adquiridos, sobrepeso, atrasos motores, ainda adicionam que essas ações acabam por internalizar um sentimento de culpa pela vítima por ser diferente.

Essa pesquisa também evidencia que como consequências dessas agressões as vítimas têm mais chances de se tornarem agentes de violência no futuro, além disso, estão mais vulneráveis a desenvolverem quadros de transtornos psicológicos e dificuldades de relacionamento. Essas ações violentas acabam por minar a referência do papel da Escola, como locus de aprendizagem e segurança. Esse dado na medida que é relevante, também é alarmante, visto que compromete toda a conjuntura educacional e pessoal da vítima.

Logo mais, os autores evidenciam o conceito de vulnerabilidade, que diz respeito ao grau de risco que os indivíduos enfrentam nas dimensões do meio individual, social e programático. A esfera individual está relacionada aos aspectos que dependem diretamente das ações do indivíduo, a social caracteriza pelo contexto econômico, político e social, a programática relaciona ao poder público, ou seja, pelas agências da sociedade civil que visa combater situações que tornam vulneráveis pessoas, grupos e comunidades. Como indica a figura abaixo:

Figura 1: Modelo teórico dos fatores de vulnerabilidade associados ao bullying



Fonte: Zequinão et. al (2017, p. 618).

Os autores defendem uma intervenção as práticas do bullying a partir desses contextos, pelo fator que vislumbra uma

abordagem dos fenômenos sociais a partir de um prisma que permite oferecer respostas mais contextuais e pertinentes, pois eles não são concebidos como resultados apenas das ações individuais, mas também refletem os movimentos da sociedade e seus aspectos macropolíticos (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 617).

Essas colocações tomando como eixo o conceito de vulnerabilidade, permite, segundo os autores, uma possibilidade concreta de intervenção, pois descentraliza a olhar apenas para o agressor nas práticas de bullying e amplia as perspectivas de enxergar a temática. Nesse sentido, nota-se que essas colocações avançam das discussões sobre o bullying, tendo em vista que assume a complexidade da questão, pois direciona-se as ações para além do ambiente educacional, alargando as possibilidades de intervenção, dando a devida atenção ao seu caráter multifacetado.

A respeito das aulas de Educação Física, os autores evidenciam que existem incidências de práticas de bullying, pois o corpo em movimento nas aulas permite uma maior interação dos alunos, sendo que aqueles menos habilidosos, geralmente, são alvo de bullying por não se enquadrar nas propostas pedagógicas das aulas. Nesse ambiente os referidos autores chamam atenção para o cuidado na elaboração do planejamento das aulas, pelo motivo que:

a percepção unidirecional de que as práticas corporais aumentam a autoestima dos indivíduos, logo o bem-estar social, precisa ser repensada, tendo em vista que por vezes as práticas corporais, sem uma práxis adequada, podem acabar por estimular a perpetração do comportamento violento (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 619).

Os autores evidenciam a discussão a respeito de uma prática de ensino sob uma práxis inadequada pode reafirmar e potencializar comportamentos violentos nas aulas de Educação Física. Esse fator se dar pela problemática de o professor está lecionada a partir de uma teoria pedagógica acrítica, pois a Educação Física não pode se resumir ao movimento pelo movimento, sobre essa questão, é necessário frisar que

O movimento pelo movimento não leva a lugar algum. Ensinar um jogo, um esporte ou um exercício só faz sentido se estiver direcionado por um objetivo comprometido com a formação de um homem integral. Por trás de cada objetivo específico dessa área do conhecimento que se convencionou chamar “Educação Física”, dever existir um objetivo geral – que possa unir todos os outros - visando colaborar na formação de um ser humano: capaz de situar-se criticamente no mundo, com autonomia de pensamento, consciente de seus atos, integrado à natureza (não se esquecendo que ele próprio é natureza), imbuído de sentimento de solidariedade e compaixão. No entanto, tudo isso deve ser perseguido não apenas pela Educação Física, mas por todas as disciplinas do currículo escolar (BARBOSA, 2014, p. 168).

Dando prosseguimento as discussões, os autores salientam a imprecisão da eficácia dos programas antibullying, nesse sentido os autores defendem uma intervenção a partir do conceito de vulnerabilidade, como já foi exposto anteriormente, existiu a

necessidade premente de compreensão ampliada da questão para se pensar estratégias de intervenção contextuais e coerentes com as diferentes realidades sociais e culturais. É nesse sentido que a abordagem da vulnerabilidade é positiva, pois, além de permitir explorar as relações entre diferentes aspectos e o fenômeno social em estudo, ela oferece um modelo que permite implementar as ações e avaliar o impacto dentro de múltiplas dimensões (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 619).

Essa perspectiva, essa proposta provoca insights sobre possibilidades de enfrentar o bullying, partindo do eixo teórico da vulnerabilidade, onde de antemão é traçado metas dentro dos planos de intervenção, feito isto, é mapeado as ações possíveis dentro do contexto particular da escola/comunidade. Para maior entendimento dessa proposta, mostra-se relevante expor os quadros que sintetiza a proposta, segue abaixo:

Quadro 1 – Metas e perspectivas antibullying construídas a partir dos fatores de vulnerabilidade associados ao bullying

| <b>Metas propostas</b>   | <b>Perspectivas antibullying</b>  |
|--|---|
| Reduzir as taxas de ocorrência do bullying nas escolas.  | <b>Programático</b>   |
|  | Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática ( <i>Bullying</i> ).<br>Programas que incentivam ações de prevenção nas escolas (ex: Programa Saúde na Escola – PSE)  |
|  | <b>Social</b>   |
|  | Diminuição da desigualdade social (ex: programas de redistribuição de renda), disseminação de valores humanos e respeito ao direito à diferença (raça, sexual, cuidado de si e com o corpo) e à expressão das singularidades no coletivo.   |
| Aumentar a compreensão de professores e profissionais da educação sobre a gravidade do bullying. | <b>Individual</b>   |
|  | Construção de estratégias para auxiliar vítimas a terem habilidades para lidar com as situações de violência e conflito.<br>Sensibilizar agressores e observadores sobre os significados de seus comportamentos para o outro e o nível de sofrimento que essas situações podem produzir nas vítimas.  |
|  | <b>Programático</b>   |
|  | Criação de recursos formativos para que os professores se sintam preparados para lidar com a problemática.  |
|  | <b>Social</b>   |
|  | Incluir nas aulas de diferentes matérias abordagens do <i>bullying</i> como uma realidade transversal. Algumas indicações:<br>1) nas aulas de matemática – o tema pode ser explorado dentro das lógicas aritméticas sobre somar as diferenças de cada um no grupo, para ampliar a experiência social e diminuir a intolerância;<br>2) nas aulas de português – incentivar produções artísticas e de texto sobre como se vivenciam diferentes tipos de violência e estimular a busca por estratégias de enfrentamento que emergem dos próprios alunos. |
|  | <b>Individual</b>   |
|  | Propõe-se que os professores e demais profissionais da educação busquem referenciais cientificamente consolidados na área do <i>bullying</i> escolar, com o intuito de encontrar melhores soluções para lidar com a questão em sala de aula ou nos intervalos.<br>Os professores devem encarar o <i>bullying</i> como uma violência e não negligenciar ou minimizar suas formas mais veladas de manifestação (ex: apelidos, fofocas).   |

Fonte: Zequinão et. al (2017, p. 620)

Essa proposta pode-se parecer genérica, todavia, apresentam eixos de intervenção totalmente pertinentes ao enfrentamento do bullying. Os autores mencionam que, quando elaboradas as metas, os professores devem considerar os recursos (humanos, econômicos e materiais) disponíveis para ações. Os autores ainda mencionam que as aulas de Educação Física devem ser reconhecidas como

uma ferramenta importante para incentivar práticas e hábitos de vida saudáveis, incluindo atividades que favoreçam a inclusão de todos os estudantes, considerando o nível de desempenho individual de cada aluno e a disponibilidade interna para a execução de determinada atividade (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 622).

Nesse ínterim, o professor de Educação Física pode e deve, em sua prática de ensino identificar as situações-problema presentes nas aulas, com o intuito de mediar discussões a respeito da problemática, buscando desmistificar o motivo da agressão via reflexão via uma consistente base teórica.

Portanto os autores, concluem que a compreensão da dimensão da vulnerabilidade pode direcionar ações mais pertinentes ao tratar a problemática bullying, visto que é imprescindível entender este fenômeno na sua teia de relações e influências. Dentre as contribuições do estudo, é possível frisar a construção de arcabouço teórico para se compreender o bullying, na mesma medida que propõe ações lucidas para enfrentar tal problemática.

Além disso, os autores recomendam ações para as aulas de Educação Física, como:

1) incentivo de ações em parceria com equipes da escola e da área da saúde; 2) maior supervisão dos professores durante as aulas de Educação Física; 3) estímulo das práticas corporais não apenas com o intuito de melhorar o repertório motor dos participantes, mas também como ferramenta de desenvolvimento social; e 4) uso de jogos e atividade lúdicas cooperativas quando houver a identificação de uma situação deflagrada de violência entre os estudantes. (ZEQUINÃO et. al, 2017, p. 622).

Em última instância, os autores finalizam trazendo as limitações do trabalho, visto que se trata de ensaio teórico, o mesmo repousa-se em um determinado eixo teórico de intervenção (vulnerabilidade). Dessa forma, é necessário pontuar que existe outras possibilidades de intervenção, outra questão está na ausência de dados empíricos, esse fator acaba por limitar as discussões, entretanto o presente estudo pode servir de subsídios para pesquisas de cunho aplicado.

### **5.3 DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO FATORES ESTIMULADORES PARA A PRÁTICA DE BULLYING**

O artigo designado como “Bullying e as relações de gênero presentes na escola” vislumbrou “analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre meninos e meninas no ensino fundamental em

uma escola pública na cidade de Santa Maria - RS” (MATTOS; JAEGER, 2015, p. 351). Os autores, inicialmente, enfatizam a preocupação mundial com a problemática do bullying no âmbito da educação, partindo de um questionário, os mesmos expõem que a maioria dos alunos (79%) consideram a escola como ambiente seguro, um pequeno número de alunos (9%) mencionam que a escola poderia ter um menor incidência de brigas, tomando o sexo dos alunos como meio de análise, destaca-se que 6% das meninas pontuaram que as brigas poderia diminuir e, enquanto os meninos representam a metade (3%) do resultado. Os autores direcionam suas discussão para o fato que a violência para os meninos é aceita como algo naturalizado, correspondendo a construção social de padrões de masculinidade, sob esse ponto de vista é possível mencionar que

A violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento do outro. Desta forma, o fenômeno passa a ser institucionalizado, comum, banalizado, caracterizando formas de agressão que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da comunidade escolar, mas que, apesar disso, podem ferir profundamente aquele que é vitimado, contribuindo para o surgimento de um sentimento de insegurança e impotência no ambiente escolar (ABRAMOVAY, 2009, p. 4).

Corroborando com essa invisibilidade e o silenciamento que ainda, infelizmente, repousa no ambiente escolar, os autores, trazem um dado de na escola, lócus da pesquisa, a coordenadora considerou pertinente tecer discussões sobre o bullying com as referidas turmas da escola, visto que já existia casos desse tipo de violência na escola, relato esse que mais tarde a diretora tentava omiti-los, mencionando que não sabia dos casos, a qual considerava como situações isoladas de bullying. Essa situação apenas reforça o entendimento da violência como algo institucionalizado, a partir do momento que se apresenta como algo corriqueiro do cotidiano escolar.

Continuando com os dados do questionário, 100% dos alunos mencionaram que nas últimas duas semanas sofreram bullying, caracterizando como atos de violência de maneira intencional e repetitiva, porém, sem motivo concreto. A respeito das distintas posições ocupadas no bullying e sobre a natureza das violências sofridas, é possível notar que:

Figura 1 - Comparação das agressões nas duas últimas semanas



Fonte: Mattos e Jaeger (2015, p. 354).

Nessa figura, os autores salientam duas especificidades: A primeira repousa que apenas os espectadores mencionam ter visto agressões físicas e; é possível notar uma baixa porcentagem aos que se autodenominam agressores. A primeira questão está imbricada na questão que a agressão física não é citada pelas vítimas pelo medo de ser agredidas novamente, o segundo caso se dar pelo motivo que os agressores, geralmente, não reconhecer suas ações como algo danoso a integridade das vítimas.

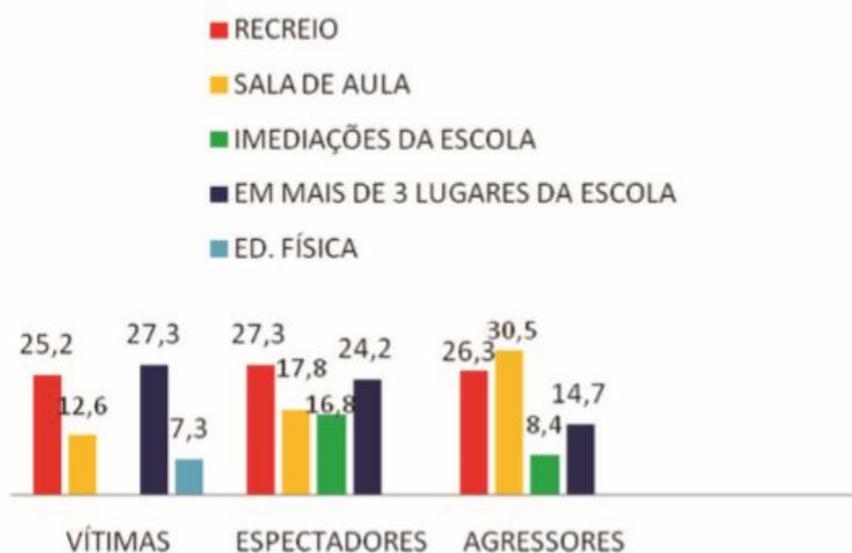
Também é possível notar que as vítimas pontuaram a agressão verbal (47,4%) como prática mais recorrente, os autores refletem que o motivo repousa nas diferenças que os alunos trazem em relação ao grupo, todavia, os pesquisadores, assim como nas pesquisas anteriormente discutidas, não tercem discussões sobre a diversidade que esse corpo carrega, como sendo um dos fatores que incomodam os agressores.

Sobretudo, outro dado relevante da pesquisa é que as ofensas direcionadas as meninas enfatiza a aparência, enquanto que para os meninos se relacionam a uma suposta homossexualidade. Esse fator apenas reforçar as construções sociais dos gêneros, uma vez que historicamente foi construído papéis e padrões sociais para determinados gêneros, desviar-se dessas prerrogativas culminasse na diferença que, infelizmente, estão a mercê do preconceito alheio advindo da ignorância.

Além disso, o estudo apresenta que os meninos prática mais bullying que as meninas, pois estas ultimas, sofrem represálias familiar quando apresentam algum comportamento violento, em contrapartida tais comportamentos violentos advindos dos meninos são naturalizados no anseio familiar e social.

Com relação aos territórios das ações, os autores mencionam que existe uma pseudoliberalidade dos espaços escolares, visto que a quadra esportiva é, por exemplo, em tese, aberta as interações sociais dos alunos, sendo que esse espaço é predominantemente ocupado pelos meninos. Os autores, ainda mencionam que, o como os alunos se movem nesses espaços também são motivos para práticas de bullying, citam que algum menino que esteja jogando voleibol com as meninas pode ser alvo de bullying, especificamente em ofensas que questionem a sua sexualidade. Nesse sentido, segue a figura dos locais das agressões.

Figura 2 - Quanto ao local das agressões



Fonte: Mattos e Jaeger (2015, p. 357).

Nesse sentido, nota-se que o recreio é o tempo/espaço que existem maior práticas de bullying, fator esse que remete a necessidade de um olhar mais cuidadoso para com esse espaço, entendendo que “[...] as crianças não são tão livres, não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam”, portanto, trata-se de ressignificar esses espaços, compreendendos como uma construção “[...] cultural particular dentro do contexto escolar e do recreio com algumas características próprias, as quais demandam [...] uma negociação que inclui a maneira de lidar com os espaços conforme gênero e geração” (WENETZ; STIGGER, 2007, p. 9).

Como considerações finais, os autores evidenciam que as práticas de bullying ocorrem com mais frequência no recreio e as agressões são recorrentes do sexo masculino, apelando,

até mesmo, a força física como meio de intimidação das vítimas, enquanto as meninas se valem mais das agressões verbais como prática de bullying. Essas diferentes formas de agir confluem para as construções sociais dos gêneros que, muitas vezes, o ambiente escolar reforça, aceitando-os de maneira acrítica por uma perspectiva conservadora que ainda engessa as possibilidades pedagógicas de encara essa diversidade como meio que efetive uma educação de qualidade.

#### 5.4 BULLYING E EDUCAÇÃO FÍSICA: PERCEPÇÃO E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA COIBIR TAL PROBLEMÁTICA

A pesquisa denominada de “Identificação de estratégias utilizadas por professores de educação física para coibir o bullying”, elencou como objetivo “investigar a percepção dos professores de Educação Física sobre a ocorrência de bullying nas escolas que atuam e elencar as ações utilizadas para prevenir o problema” (MARTINS et al. 2018, p. 33). Nesse sentido, foi aplicado uma entrevista semiestruturada com dez questões abertas a oito professores colaboradores da pesquisa, segue abaixo uma tabela de caracterização dos professores:

Tabela: Caracterização dos professores

| Professor | Idade   | Sexo      | Experiência | Formação / Pós-graduação              |
|-----------|---------|-----------|-------------|---------------------------------------|
| A         | 42 anos | Masculino | 11 anos     | Licenciatura e Bacharelado em EF / PG |
| B         | 49 anos | Feminino  | 22 anos     | Licenciatura e Bacharelado em EF      |
| C         | 31 anos | Masculino | 08 anos     | Licenciatura em EF                    |
| D         | 29 anos | Feminino  | 07 anos     | Licenciatura e Bacharelado em EF      |
| E         | 36 anos | Masculino | 10 anos     | Licenciatura e Bacharelado em EF / PG |
| F         | 34 anos | Masculino | 11 anos     | Licenciatura em EF / PG               |
| G         | 49 anos | Feminino  | 14 anos     | Licenciatura em EF / PG               |
| H         | 41 anos | Masculino | 12 anos     | Licenciatura e Bacharelado em EF / PG |

Nota. EF = Educação Física; PG = Pós-Graduado

Fonte: Martins et al. (2018, p. 35)

Os autores mencionam que as intervenções sob as práticas do bullying gravitam com mais predominância nas intervenções verbais dos professores, ao mesmo tempo que enfatiza a sua insuficiência para com a complexidade da problemática.

Ao analisar os dados, os autores expõem que grande maioria dos professores entendiam o bullying por conceitos generalizantes, como do tipo: agressões físicas, verbais e psicológicas, envolvendo constrangimento e discriminação no processo, entretanto, apenas uma professora (B) foi além dessas proposições ampliando o conceito. O que me chama atenção como pesquisador é que, posteriormente, os docentes indagados sobre as suas formações a respeito da temática, apenas dois docentes (D e E) mencionaram que estudaram a temática na graduação, todavia, a questão está quando, anteriormente, questionados sobre o

que entendiam sobre o bullying, os docentes não avançaram nas discussões, visto que apenas a professora B ampliou o entendimento de bullying. Nesse meio, é preciso direcionar as discussões que a problemática do bullying não é tão trabalhada na formação docente, e quando é tratada, muitas vezes, se resumem a discussões rasas e fragmentada da complexidade que apresenta, que por fim acaba por não oferecendo conhecimentos necessários para uma intervenção mais lucida e efetiva. A leitura desse dado, presente nessa pesquisa, pode passar despercebido ao leitor.

Além disso, outro dado relevante para reflexão, que já foi mencionando na pesquisa anterior, é que dois professores (A e E), afirmam que a baixa habilidade técnica dos alunos durante a aula também é um motivo para as práticas do bullying, nesse meio, de maneira breve, os autores mencionam a necessidade de tratar os esportes de forma abrangente e multifacetada. Destarte, os autores mencionam, que a violência sofrida em casa corrobora para que os alunos aceitem a violência com naturalidade, sendo asseverado no sexo masculino, dado esse também encontrado na pesquisa anterior.

Sob as ações do professor, os autores colocam, que as atitudes dos professores podem influenciar as práticas de bullying na escola, fato esse evidenciado nos relatos da professora B e do professor “A”:

“se o professor não intervém, ele se coloca do lado do opressor, acarretando uma ‘normalidade’ ao gesto ou prática do bullying”.

“Com certeza! Quando você me fez esta pergunta, me veio em mente um professor que observei dando aula, a maneira com que ele interagiu e se expressava com os alunos. Se o professor deu liberdade aos alunos, colocando apelidos, ao invés de chamar pelo nome, então ele já abre um leque para que esta prática se manifeste, pois, se ele que é o professor e está chamando por apelido, (E aí gordinho! E aí escurinho!), abre-se um leque para a turma reproduzir este tipo de atitude, neste momento ele deixa de ser o formador de cidadão, influenciando negativamente, propagando o fenômeno. Isso é questão de respeito, no qual o professor necessita saber lidar e agir com as diversidades que a escola engloba. Por isso o professor deve adotar uma postura no qual os alunos se espelhem” (MARTINS et al. 2018, p. 36).

Outro dado imprescindível para essa pesquisa é que metade dos professores se consideraram preparados para intervir sob casos de bullying, o inquietante é que os mesmos docentes pontuaram que a formação acadêmica de nada contribuiu para isso, mas sim a vivência na prática de ensino, como menciona a

professora “D” disse: “Sim. Pela vivência do cotidiano, com vários tipos de alunos, ter trabalhado em várias escolas, de perfis diferentes e não pela formação acadêmica,

este não é um tema muito abordado durante a formação acadêmica” (MARTINS et al. 2018, p. 36).

Sabe-se que, historicamente, a formação docente como um todo teve suas precariedades, a formação dos professores de Educação Física não foge desse contexto, contudo, apresenta suas singularidades. Esse dado desse artigo é muito forte e intrigante, pois se por um lado nos faz refletir sobre a importância da experiência, por outro, nos instiga a repensar a formação desses professores. Nesse momento, é necessário não entender esse dado de maneira generalizada, pois não se pode depositar toda a responsabilidade na Universidade, provavelmente, existiu uma defasagem na formação dos docentes no que tange a problemática bullying, nesse entorno, desacreditar na formação acadêmica, isto é, da Universidade, é deixasse ser levado pela a ignorância e, ainda mais na atual conjuntura sócio-política do Brasil a qual as Universidades estão sendo vertiginosamente atacadas.

Dando prosseguimento, os (as) professores (as) (“A”, “B”, “D”, “F”, “G”, “H”), evidenciaram que as suas escolas não realizam intervenções sobre a temática bullying e, muitas das vezes, quando o professor de Educação Física elabora algumas propostas que necessita de uma maior mobilização dos professores, esses professores alegam que essas ações competem a disciplina de Educação Física, como expõe o professor “A”:

“acho difícil realizar alguma abordagem aqui na escola, por que os professores são muito dispersos uns dos outros, então se eu idealizo, dificilmente alguém irá me ajudar, muitos acham que a intervenção é da disciplina, portanto cabido a mim” (MARTINS et al. 2018, p. 36).

Portanto, de acordo com os autores, apoiado na literatura, argumentam a necessidade de a escola incorporar ações que promovam o diálogo sobre a problemática de maneira coletiva, visto que a angústia de estar sozinho “no enfrentamento de um fenômeno tão complexo pode ser a causa que impeça o surgimento de ações inovadoras nas escolas e mais especificamente nas aulas de Educação Física, por parte dos professores” (MARTINS et al. 2018, p. 37).

Nessa perspectiva, pode inferir a importância de escolas, professores e comunidade escolar cunhar um trabalho colaborativo para com a problemática, podendo tomar como suporte o eixo teórico do conceito de vulnerabilidade discutido anteriormente. Nesse sentido, o trabalho colaborativo não se dá de maneira flutuante ou desinteressada, uma vez que tal proposta exige uma teia de negociação, envolvendo os professores e escolas no tocante as suas necessidades reais, postas pelo cotidiano das práticas educativas, ressaltando a importância de

não enxergar esse processo como uma receita de caráter normativo, pois as ações devem ser constantemente colocadas a crítica, para fim de avaliação individual e coletiva do corpo docente (IMBERNÓN, 2016).

Dentre as estratégias utilizadas pelos professores, os autores colocam que sete professores citam que “as orientações verbais, uso de filmes, vídeos, oficinas e ações de conscientização no início do ano letivo” (MARTINS et al. 2018, p. 36). Nesse contexto, até os próprios autores, admitem a fragilidade do trabalho no que tange a apontar estratégias de enfrentamento ao bullying, friso nessa questão porque o trabalho não atingi o objetivo proposto, reconhecendo que traz discussões relevantes, todavia, não alcança o objetivo, o título do artigo propõe o descortinar estratégias, entretanto, não entrega isso ao autor.

Os autores concluem que a principal estratégia utilizada para frear as práticas do bullying é a intervenção verbal, sendo eficaz no momento imediato, entretanto, é necessário amplia-la, a escola, nesse sentido, deve encabeçar propostas que busquem refletir sobre a temática, estimulando os princípios de tolerância, respeito, diversidade, valores e cultura, dando ênfase num trabalho multidisciplinar sobre a temática.

## **5.5 MAPEANDO AS FORMAS E AGRESSÕES DAS PRÁTICAS DE BULLYING**

A pesquisa intitulada de “Caracterização do bullying entre escolares: uma pesquisa realizada no município de anta gorda – RS” objetivou “verificar o perfil dos alunos do 6º ao 9º ano de duas escolas da rede pública e privada no município de Anta Gorda- RS que são alvos do bullying, bem como identificar as formas e locais onde ocorrem as agressões” (MAYER et al. 2018, p. 21). O estudo contou com a de um questionário para 257 adolescentes, de ambos os sexos, com idade de 11 a 17 anos, com foco em duas escolas no do município de Anta Gorda – RS, sendo uma privada e outra pública.

Os autores com base nos dados gerados pelo questionário, apresentam que o maior número de alunos de ambas as escolas está situado no sexto ano, sendo a maioria de sexo masculino com idade entre treze a quatorze anos. Também pode-se notar que as ocorrências das práticas de bullying foram maiores na escola pública (46, 70%) do que a escola privada (35,00%), os autores discutem que esses vários são variáveis e, apresentam um estudo na literatura em que as agressões são maiores nas escolas privadas (78%) do que na pública (60%) (AGUIAR; BARRERA, 2017). Nesse meio, fiquei inquieto sobre esse dado, procurei o artigo sobre esse estudo, na conclusão do referido artigo, os pesquisadores pontuam que existe uma semelhança nas agressões na escola pública e privada, mencionando que a:

semelhança observada entre as escolas quanto à ocorrência de bullying, o que desmistifica explicações sobre a violência escolar que apontam fatores externos à escola – violência do bairro, educação dos pais, nível socioeconômico dos alunos – como sendo determinantes do problema, recuperando assim a responsabilidade da instituição escolar e de seus agentes no enfrentamento da questão (AGUIAR; BARRERA, 2017, p. 680).

Esse equívoco, acabam por depositar todas as exigências sobre as escolas e professores, direcionando a responsabilidade para escolas e professores no que tange a enfrentar e superar a problemática do bullying, além disso fragmenta a escola do contexto social. É importante salientar que os pesquisadores dessa pesquisa também admitem que o número reduzido de participantes, em especial, na escola particular, pode ter comprometido, um resultado mais fidedigno a realidade presente, não se trata aqui de apenas apontar as fragilidades do estudo, entretanto, é necessário investigar as entrelinhas das pesquisas para que de um caso específico não seja generalizado.

Retomando a pesquisa analisada dessa revisão, as agressões mais recorrentes são as verbais, que se assevera na escola pública, a qual os entrevistados assinalaram a opção “me disseram nomes feios, disseram coisas de mim ou do meu corpo”, quanto aos locais das agressões, na escola pública o espaço das agressões volta-se para a sala de aula (25, 40%) e na escola privada volta-se para o recreio (18, 40%).

Os autores concluem, recapitulando que a frequência mais elevada das práticas de bullying são nas escolas públicas, as agressões mais recorrentes são a verbal em ambas as escolas, todavia se assevera na escola pública, com relação aos locais onde ocorrem as agressões nas volta-se para a sala de aula nas escolas públicas e na escola privada volta-se para o recreio. Os autores acabam finalizando que apesar da escola pública apresentar índices mais elevados de bullying é necessário salientar que essas ocorrências também recaem na rede privada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que uma das armadilhas da pesquisa de revisão bibliográfica é que, geralmente, os pesquisadores apenas apresentam os dados dos artigos selecionados, entretanto, essa pesquisa não trilhou tais caminhos, pois os dados para além de serem apresentados foram discutidos com rigorosidade metódica, ampliando o horizonte teórico da problemática em questão.

O avanço do mundo tecnológico possibilita na educação inúmeras possibilidades de efetivar uma educação de qualidade, todavia, existe a outra face da moeda, o cyberbullying, como desdobramento das práticas de bullying, merece atenção com urgência, visto que essa ação apresenta singularidades, como pode-se citar a relação de poder fluida de papéis (vítima/agressor/espectador) e seu alcance é inimaginável. Nesse meio, o corpo, é o alvo de bullying, eminentemente pelas suas diferenças que fogem de um padrão vigente, padrão esse que está sendo seguido de maneira acrítica e unilateral. Não há dúvidas que a escola e professores necessitam repensar suas práticas de maneira interdisciplinar, pois é uma problemática que afeta a toda a escola.

Ainda sobre as contribuições das pesquisas analisadas, o conceito de vulnerabilidade propõe uma intervenção abertas as dimensões do meio individual, social e programático, isso implica em uma ação que enxerga a complexidade da problemática, descentralizando o olhar apenas para o agressor, nesse sentido, alarga as possibilidades de intervenção, dando a devida atenção ao caráter multifacetado do bullying.

Outra reflexão que não poderia estar fora dessa seção, é o fato que as construções de determinados padrões para os gêneros implicam em uma intolerância ao diferente, pois a naturalização da violência para o sexo masculino e o padrão de beleza imposto ao sexo feminino acabam por reafirmar uma engrenagem complexa da perpetuação da violência social, familiar e educacional, o meio social presente, já nos alerta, como pode-se citar os casos de feminicídio e atentados violentos contra a mulher.

Em outro momento, um dado colocou em cheque a defasagem da formação dos professores, pontuando as fragilidades para tratar pedagogicamente com o bullying, foi argumentado que a formação de professores no Brasil é um problema histórico, onde as sucessivas mudanças no que tange a políticas públicas de formação docente não lograram condições mínimas para uma educação de qualidade e, a atualidade nos mostra mais retrocesso que avanços, pois nossas universidades, assim como os professores, são cada vez mais atacadas com política públicas baseadas no senso comum que objetivam em última

instância o sucateamento das universidades públicas, afim de efetivar pautas de interesse de mercado e reproduzir sistema social vigente.

Com relação a formação docente para lidar com as problemáticas do bullying, é necessário que a mesma parta de problemáticas concretos do ambiente escolar, em suas especificidades, onde o coletivo de professores identifique a problemática em um primeiro plano e, logo após, criem estratégias e mecanismos para superá-la de maneira coletiva mas, entretanto, sem eximir as potencialidades individuais do corpo docente, visto que o trabalho colaborativo não inferioriza a autonomia do professor, Imbernón (2016, p. 167) ratifica essa ideia quando pontua que “ a autonomia não significa necessariamente caminhar sozinho”.

Conscientes destas problemáticas que afligem a Educação Física Escolar é necessário buscar outras perspectivas pedagógicas para as aulas, apropriando-se de metodologias críticas para tecer práticas pedagógicas consistentes que efetivem aprendizagens significativas que entendam a diferença como vantagem pedagógica, na medida que também compreenda o corpo como eixo central que traduz o saber e essa diversidade. Essas questões implicam em todas as áreas de conhecimento da escola, sobretudo a Educação Física, visto que essa é o campo que assume tratar pedagogicamente com mais intimidade o corpo e suas possibilidades.

É necessário salientar que essa pesquisa também contém limitações, pois a presente revisão bibliográfica não abrangeu dissertações e teses sobre o assunto, sabendo da qualidade teórica e profundidade que tem esses trabalhos científicos. A pesquisa, por delimitação de tempo necessário, não abarcou outros periódicos da área da Educação Física e, sobretudo, da Educação, Psicologia e áreas afins, visto que é necessário enxergar a problemática do bullying em sua complexidade e por diversas óticas.

Todavia, essa pesquisa não perde sua qualidade teórica, uma vez que apresenta dados e reflexões necessárias a comunidade científica e escolar, com ainda mais ênfase aos professores de Educação Física. Nesse sentido, essa pesquisa pode servir de suporte teórico para uma intervenção pedagógica de professores que estão na escola, à medida que também se caracteriza como uma possibilidade para inserção na formação de professores de Educação Física, podendo ser um texto que contemple, por exemplo, o planejamento professor do estágio supervisionado, ou até mesmo de outras disciplinas, aquelas relacionadas a diversidade, corpo, prática pedagógica etc.

Em suma, necessitamos nos munir de conhecimentos que nos auxiliem a supera práticas desumanas que afligem as nossas escolas e alunos e, a cultura corporal da Educação

Física é mais um meio de sensibilizar os alunos para a diversidade trazidas em seus corpos, entendendo que essa diversidade é uma bela forma de ser e está no mundo.

## 7 REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lucia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino Americana, 2009.
- AGUIAR, L. G. F., & BARRERA, S. D. (2017). Manifestações de bullying em diferentes contextos escolares: um estudo exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 37(3), 669-682.
- ALMEIDA, Ana; LISBOA, Carolina; JESÚS CAURCEL, María. ¿ Por qué ocurren los malos tratos entre iguales?: explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga; DE ALVARENGA, Luis. Educação Física e Didática: um diálogo possível e necessário. **Petrópolis, RJ: Vozes**, 2014.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. rev. e atual. **Lisboa: Edições**, v. 70, p. 3, 2009.
- BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, P. N. . **Corporeidade, Jogo, Linguagem: a Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019. v. 1. 237p .
- CAILLOIS, R. **Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- CARAVITA, S. C. S.; GINI, G.; POZZOLI, T. Main and Moderated Effects of Moral Cognition and Status on Bullying and Defending. **Aggressive Behavior**, v. 38, n. 6, p. 456-468, 2012.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DE MATTOS, Michele Ziegler; JAEGER, Angelita Alice. Bullying e as relações de gênero presentes na escola. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 349-361, 2015.
- DE OLIVEIRA, Flavia Fernandes; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 12, n. 2, p. 173-197, 2006.
- DE SOUSA, Galdino Rodrigues et al. A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da Educação Física. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 245-262, 2018.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FOREMAN, V. Constructing the victim in the bullying narrative: how bullying discourses affirm rather than challenge discriminatory notions of gender and sexuality. **Crime Media Culture**, v. 11, n. 2, p. 157-176, Aug. 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6.ed- São Paulo: Atlas S.A., 2008.

- GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana. (orgs) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 200.
- GOLDENBERG, Mirian. Pesquisa qualitativa em ciências sociais. \_\_\_\_ **A Arte de**, 1999.
- GONÇALES, Cynara; PIMENTEL, Giuliano Gomes; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 965-988, 2014.
- IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 9-34.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.
- MARTINS, Maxiano Dâmaso et al. Identificação de estratégias utilizadas por professores de Educação Física para coibir o Bullying. **Motricidade**, v. 14, n. SI, p. 33-38, 2018.
- MAYER, Sandra Mara et al. Caracterização do Bullying entre escolares: uma pesquisa realizada no município de Anta Gorda-RS. **Motricidade**, v. 14, n. SI, p. 21-25, 2018.
- MINAYO, Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro. HUCITEE – ABRASCO, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. 1998.
- MORAN, J. M. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Papyrus Editora, 2013.
- OLIVEIRA, W. A. D. et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, v. 20, p. 121-132, 2015.
- OLWEUS, D. SchoolBullying: Developmentand some importantchallenges. *AnnualReviewofClinicalPsychology*, v. 9, n. 1, p. 751-780, 2013/09/22 2013.
- SANTANA, D. B. **Prática de ensino, dança e Ensino Médio: Apontamentos refletidos na formação de professor**. 2018. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.
- STIGGER, Marco Paulo.; LOVISOLO, Hugo. **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Autores Associados, 2009.
- TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. Gênero e recreio: um espaço educativo? In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15. E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2. 2007.**

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Vulnerabilidade e bullying escolar: interfaces teóricas possíveis. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 3, 2017.